

Algoritmos de Mal-Estar: Ciberpandemia e Privacidade Hackeada

[Algorithms of Discontent: Cyber Pandemic and Privacy Hacked]

Marcelo Gonçalves Rodrigues*

Resumo: O presente artigo se propõe a uma análise da conjuntura de mal-estar global resultante do período de pandemia, do COVID-19, no qual houve a intensificação nos usos das novas tecnologias. O cenário aponta para uma realidade cuja objetividade material efetiva, cada vez mais, um sistema de tecnocracia, sendo a inteligência artificial dos algoritmos as balizas para sua implementação definitiva com destaque para monitoramentos, vigilâncias, automação, previsão e controle de corpos e mentes. A crise do coronavírus acelerou com demasiada radicalidade mudanças em inúmeros setores da sociedade e da subjetividade humana. Portanto, esse período crítico de mal-estar tem como produto direto a apresentação da Quarta Revolução Industrial ou indústria 4.0 munida de sistemas ubíquos e de computação quântica interconectados para a captura de dados e direcionamento das ações humanas.

Palavras-chave: Mal-Estar. Inteligência Artificial. Algoritmos. Indústria 4.0.

Abstract: This article proposes an analysis of the global discontent situation resulting from the pandemic period, of COVID-19, in which there was the intensification in the uses of new technologies. The scenario points to a reality which effective material objectivity, increasingly, a technocracy system, being the artificial intelligence of algorithms, the structure for its definitive implementations with emphasis for monitoring, surveillance, automation, forethought and control bodies and minds. The coronavirus crisis accelerated too radically the transformation in countless sectors of society and human subjectivity. Therefore, this critical period of discontent has as direct product the introduction of Forth Industrial Revolution or Industry 4.0 armed with ubiquitous systems and of quantum computing interconnected for capture data and directing human actions.

Keywords: Discontent. Artificial Intelligence. Algorithms. Industry 4.0.

*Docente e supervisor clínico no curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Educacional de Penápolis (SP). Mestre em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP - Araraquara) e psicólogo formado pela UNESP - Bauru. E-mail: marcelo_gonc@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6110-2594>.

Digressões aproximadas

O desfiladeiro da modernidade tardia acarretou transformações, descontinuidades e avanços significativos aos setores complexos como o familiar e religioso, político e jurídico, e primordialmente o tecnológico. Tais modificações estruturais à sociedade contribuíram para o rompimento com velhas normativas e para o surgimento, com certa intensidade, de formações de sintomas, deliberando a hiperinflação de mal-estar. Consequentemente, lançou a possibilidade de se examinar a extensão dos desafios frente à noção moderna de subjetividade no interior dos fenômenos em curso.

As constatações freudianas acerca dos protocolos de defesa corroborados pelo estado de mal-estar, oportunamente, abrem territórios para se reposicionar a discussão dessa questão. Isso porque, a função dessas defesas é despende energia para amenizar a ambiguidade dos percalços da vida civilizada. Por essa contraface, reafirmam o diagnóstico de sofrimento nas formas da anomia e crise de representatividade nos inúmeros cenários correspondentes da objetividade. Se deslizarmos sobre a compreensão de Sigmund Freud no que tange aos três principais aspectos de angústia – ameaça *do* e *ao* corpo e o conflito inerente às relações pessoais – observaremos que, houve reordenações e mutações desse mecanismo de defesa, especialmente, com a plasticidade

do avanço móvel e dinâmico das novas tecnologias digitais e de seus contratempos oriundos.

Sem condições de materializar soluções no âmago dessas experiências, os indivíduos mapeiam modelos e rituais que circulam sem código fixo com o propósito de se despojarem dos matizes consolidados da realidade. Um desses moldes é o negacionismo, esteio da burrice neurótica, que estrutura as narrativas como a-histórica, portadora de um passado livre de problemas éticos e morais. A interconexão global em tempo real com as programadas *fake news*, nesse trato, é uma das categorias que deslindou as mostras de negação da história e da ciência.

Mundialmente, há “delírios” comungados e em ascendência como a recusa da existência de regimes ditatoriais, do Holocausto, da escravidão, do aquecimento global, do formato da Terra. Entretanto, observamos em outra parte, coletivos afirmados na condição prometéica que se ajoelham em modo de deificação aos paladinos da ciência, sem discussão e abertura para diálogos, sem questionamento, sem escuta. Na maior parte dos casos, agrupados em compartimentos tecnossociais, esses sujeitos parecem ser regidos pelas *timelines* das redes, que na análise da inteligência artificial (IA), envia lhes as próprias crenças ideológicas e reflexos narcísicos. Uma visão unilateral inflexível trará a leitura cega dos pressupostos de base do escopo científico. Maneiras de

expressão que retratam as adversidades contemporâneas não escutadas, por assim ser, não permitem efetuar uma aproximação dos objetos negados sem resultar em negação de ambos, sujeito e fato negado, ou de replicá-los ideologicamente nessa constituinte.

Outro fenômeno circulante diz respeito às classes inclusas no social, no mercado de trabalho, nos ritmos de consumo. O sentimento de pertencimento desses grupos opera como escudo por ideais conservadores: segurança e ordem, leis e punições. Este encapsulamento convencional, sempre atual, tem como alvo a massa de desempregados, desfavorecidos ou imigrantes, vistos como ameaças. Fato que efetiva um salto para trás – fim do século XIX e início do XX – em direção às ideologias higienistas. Capítulos bem reluzidos no conto literário machadiano de *O Alienista* (1882/1979), e na ficção cinematográfica *Elysium* (2013), que delatam em algum aspecto as *smart city* em andamento, a gentrificação e a segregação social. As raízes complementares dessa engenharia geoespacial biométrica estão nas zonas de exclusões ou prisões do lado de fora, delimitadas pelos extintos manicômios, presídios, cercamentos elétricos, concertinas laminadas e condomínios, conforme discutido por Foucault (1987) e Dunker (2015).

No centramento de se defender negando a realidade e de se enclausurar na projeção imputada ao outro, temos

as formações reativas num jogo duplo envolvendo a relação do corpo com a imagem do corpo, cada vez mais, compreendidos como ativo financeiro. Este modo conjunto impulsiona jejuns prolongados para desintoxicação orgânica, meditação, veganismo e crudivorismo. De outra parte, exercícios extenuantes como os *fitness high-intensity interval training*, musculação e dietas rigorosas até às famigeradas competições de quem come mais. Nesse tocante, incluem-se os *body modification* – construção estética exótica que reúne do animal selvagem a bonecas humanas –, o auto-casamento, os *mgtows*, os *incels*, a insatisfação com o gênero. Destacá-riamos também a religião e a arte como corações emergentes ante o mal-estar. Entretanto, esses grupos mereceriam capítulos a parte, em especial com relação à criação artística, sublimação que, seria o destino da pulsão por excelência nas denominações de Freud.

Sequencialmente às ramificações mencionadas, não poderíamos deixar de destacar a diagnose de Adorno (1995), sobre a libido regredida no deslocamento de afetos para objetos outros, no caso, a rejeição da possibilidade de amar. Daí, o destino libidinal à exaustão por máquinas, devoção por animais e plantas, abraçar árvores, rumo às cercanias da robofilia. Modalidades de sintomas que intentam, muitas vezes, no esquecimento da possibilidade de cultivar relações pessoais, ancorando-se no presentismo sem

precedentes de futuro e de um futuro sem presente, na iminência da morte, num recanto absolutista de que a velhice jamais chegará aos contornos de um corpo sem sujeito.

Grande quantia desses condicionantes subjetivos se (re) combinam à temporalidade fugidia e compactada. Quanto mais rápido, melhor e reconhecido. Uma configuração em tela na qual o lerdo perde o objeto, e o rápido, o sujeito. O traçado do tempo na evanescência tecnológica se miniaturiza tal como em *tumblr* tendo as questões do sentido-finalidade da vida entrecruzadas pelos cortes imagéticos dos frames de *stories* do *instagram*. Semelhança àquilo que Türcke (2010) sinaliza como o ritmo acelerado e alienado do ser é ser percebido. Esse compasso rompe tal qual *Leão de Neméia* com a profundidade e musicalidade hamletiana na inversão sintética do ser, sem a possibilidade do tempo de hesitação e dos desdobramentos éticos valorativos.

O desenlace dessas problemáticas expostas quando simplesmente desculpa a sociedade, institui no reger do mal-estar explicações reificantes. Pois fomenta a falsa legalidade universal e ideológica ao negar as vertentes do objeto e do conceito e ao considerá-las como a morada exclusivamente do particular-individual sem indivíduo. À vista disso, ao desatrear por completo as determinações materiais e os mecanismos sociais das causas do sofrimento, suas mediações e a remissão à história do pró-

prio fenômeno, potencializam-se problemas de outras ordens que as ponderações de Drawin (1983), sintetizam nos eventos de contracultura, individualismo e irracionalismo. Desse modo, por um lado, salientamos a ausência de nomes para identificar a sensação de desnorsteio que subjaz nos estados críticos do social e individual com os conflitos de ordem política e emocional, mutuamente. De outro, com o declínio de autoridade, temos a pluralidade de ofertas de gozo sem limites num desencontro entre sujeito, forma e seus módulos de afeto.

Em junção a isso, os nichos mercadológicos e suas engrenagens flexíveis elaboraram os embustes das tendências alternativas de eliminação da infelicidade. Sendo da ordem da impossibilidade atentar contra essa condição, dessa feita, destacamos a reverberação do mal-estar como processo de esvaziamento das representações psicossociais a partir dos usos das pílulas da felicidade, do princípio do evitar a dor a todo custo e de sua ética literal, *per se*, oposta ao sofrimento. Há nessa enunciação, do lado do indivíduo a precariedade psíquica. Do lado social, a diminuição dos espaços para a reflexão sobre a crise existencial e a dor. No centro dos dois, a negação da interioridade e do envelhecimento com a colaboração onerosa da medicina estética e psiquiátrica.

O arranjo desses sintomas contemporâneos assinala o perfil das insuficiências provocadas nas esferas do in-

dividual, social e institucional com as mudanças na economia, trabalho e família, advindas, boa parte delas, das fases dos pós-guerras amalgamadas no decorrer do último século com o complexo avanço tecnológico. Acrescentado a isso, a aceleração tecnoimagética do mercado de gozo capitalista trouxe novos ritmos, modelos, e padrões, ao passo que, produziu, no transcorrer das décadas, a espoliação das condições objetivas inerentes ao estado subjetivo de angústia.

Tendo em vista a diversidade desses novos modos de subjetivação, adentraremos em algumas discussões pontuais sobre o semblante do contexto hodierno arregimentado pelas novas tecnologias. Um cenário para o qual se encaminha a experiência da não liberdade definitiva, pois esta a humanidade tem trocado para obter maior controle sobre si e sobre a natureza. Nesse sentido, como pensar a privacidade gradativamente destituída nos agrupamentos infinitos dos *big datas*, algoritmos e vigilâncias robóticas das inteligências artificiais? Por esse viés, a conjuntura de mal-estar global, fruto das consequências da crise do coronavírus, acelerou mudanças estruturais com certa radicalidade. Desde danos econômicos sem precedentes com a possível implosão do sistema financeiro, fratura nos padrões de consumo e de hábitos até perdas incomensuráveis com o colapso das bases antigas dos empregos e dos sujeitos. É também provável que ocorram altera-

ções drásticas de direitos, individualidades ou liberdade de circulação das pessoas em nome de saúde e segurança.

Afora todos os percalços no âmbito da saúde física, nos estados mentais surgem demarcadores de pânico e ansiedade, estressores e histeria coletiva, pontencialização de violências e vulnerabilidades em múltiplos meios. Esse estado de coisas alterará ainda mais a maneira, historicamente crítica e conflituosa, de interagir entre as pessoas, já que isolamento e solidão anulam as possibilidades de identificação com o outro. Nas imediações do “*The Great Reset*”, o grande reinício, tema do Fórum Econômico Mundial 2021, sobre sustentabilidade, consideramos que os modos de sentido e sobrevivência no mundo sofrerão rupturas, trazendo à baila uma revolução cultural, social, histórica e uma reprogramação dos pilares éticos reconhecidos pela civilização. Identidade, privacidade, noções de posses, tempo livre e do trabalho e Estado Democrático de Direito, provavelmente, serão completamente reordenados via um novo contrato social.

É de conhecimento geral que houve um aumento considerável da dependência tecnológica em praticamente todos os setores essenciais e não essenciais. Principalmente, por isso, a transferência ao virtual nessa conjuntura pode significar a mola propulsora à revolução industrial 4.0, estruturada em sistema cibernético, cujo objetivo é a descentralização via integração completa

entre os processos digitais, biológicos e físicos¹. Sendo assim, é na propriedade dessas constelações que postulamos o objetivo deste artigo de discutir uma das consequências da crise do coronavírus à vida em sociedade: a aceleração da revolução 4.0 e suas ingerências tecnocráticas algorítmicas. É imprescindível refletir sobre os desafios futuros frente aos novos modos de existir e as novas regras em civilização com a intensificação dessa Quarta Revolução Industrial e de seus subprodutos agregados. Se há uma forma que não voltará como antes do período de pandemia, esta é a própria tecnologia em renovação incansável de seus sensores e antenas, consequentemente, de seus usos e das relações por ela mediadas na captura dos dados em tempo real.

A partir da grande reinicialização digital que bate à porta, quais cortes, furos e costuras impactarão nas mutações subjetivas em andamento e nas que advirão com esta revolução dos softwares de vigilância em massa? Certamente essa temática possibilita aguçar o debate sobre os limites éticos e morais nos empregos da tecnologia e a demarcação entre o ser humano e a inteligência artificial. Sem grandes pretensões de fechar discussões e tampouco de responder em suas máximas essas questões, propomo-nos tratar sucintamente

dessa dinâmica no artigo. Para isso, passaremos por uma pontuação sobre o mapeamento histórico das construções paradigmáticas de períodos críticos da civilização no século XX. Aliado a isto, ainda que breve, traremos uma leitura psicanalítica da guinada tecnocientífica e de seu entrelaçamento com o papel constitutivo da instância do Supereu como forma de controle, censura e monitoramento da consciência.

No alvorecer da peste

Sobreviver em civilização, como elucida Freud (1930/2010), é reconhecer a sensação da condição de mal-estar, oriunda, espectralmente, da renúncia às satisfações pulsionais: supressão e repressão dos instintos poderosos. Essa esfalfada caracterização, abre o circuito para reconsiderações sobre o esclarecimento de cultura e civilização. Especificamente em referência ao moderno estado das coisas técnicas digitalizando a vida política e cultural junto da previsão e determinação de suas ações, gradativamente, em *cookies*, pontos quânticos, algoritmos e controle.

O progresso vertiginoso desses rastreadores inteligentes favorece ponderar o lugar da ética, das violações de privacidade e da neutralidade quando

¹É importante lembrar que, conforme consta resumido na *Agenda Brasileira para Indústria 4.0*, do Governo Federal, a Primeira Revolução Industrial, em 1784, foi com a geração de energia que envolveu o tear mecânico e a utilização das forças da água e do vapor. A Segunda Revolução Industrial, 1870, trouxe a industrialização e eletricidade. A Terceira Revolução Industrial, 1969, inaugurou a automação eletrônica, programação lógica de sistemas controladores, informatização e digitalização dos dados.

estes artefatos são projetados para manipulação e persuasão dos usuários. Isso implica que não podem ficar à revelia os direcionamentos e influências sobre o comportamento de decisão político-moral do indivíduo que transita como eleitor, consumidor e objeto de avaliação mediante o processamento onipresente. A construção do lugar ético político é dicotômica, por conseguinte, envolve a questão do processo civilizatório que remete, a um só tempo, a duas marcas. De um lado, a pretensão de ressuscitar a Paideia idealizada, período de apogeu da educação e formação principescas vigente na Grécia antiga. De outro, ao conjunto de regras de internalização simbólica de leis para serem aplicadas em modo vigilante, principalmente, em domínio público. Versamos a este respeito, especialmente, no valor dos termos “cultura”, herança da sociedade alemã (*Kultur*), versus “civilização” como laço social proveniente da sociedade francesa.

A contento ressaltamos que não houve entre tradutores um consenso sobre as terminologias *Kultur*, e, *Zivilization*, inclusive Freud (1927/2014), sublinha a recusa a distinguir entre os referidos conceitos. Em que pese esta consideração do autor, é justo realçar que, seja por evolução cultural possuindo todas as magnânimas potencialidades plausíveis para dar sentido ao humano, seja pela demonstração concreta das máximas construções tecnocientíficas para lhe dar objetividade e

eficiência, o fato é que, ambas as composições não são independentes entre si.

Pelo contrário, são abastecidas por estruturas de ambivalência, identificação e anomia social, muito embora apresentem diferenças e sinalizem com agudeza as contradições da vida em sociedade, tão fundamentais para apontar as problemáticas no curso temporal de suas ocorrências. Revelam, portanto, limites e caminhos de interpretação para o pensamento de novas situações sem ofuscar as lentes para os velhos problemas persistentes. Justamente, nesse viés, erudição, cultura e produções de conhecimentos – ciência e tecnologia – não parecem ser antídotos à violência e tampouco logradouros de felicidade, não obstante a promessa ser exatamente esta. Tanto é verdade que a evolução tecnológica vem acompanhada de normativas de princípios de moralidade com argumentos na linha de influenciar os sujeitos a bons comportamentos, como garantias de segurança, de saúde e de justiça. As máquinas regulariam os nortes dessas combinações de modelagem. Apesar disso, os riscos de distopia não podem ser desconsiderados em razão da velocidade com que a alta tecnologia tem interferido de modo customizado na vida objetiva social.

Por esse ângulo, é importante recuperar que, regimes totalitários, historicamente, documentaram a complexificada rede de engenharia social, tecnológica e política. Tais governanças, nessa

finalidade, redimensionaram os pilares normativos das sociedades e dos seus sujeitos, independentemente, do nível de apropriação cultural e erudição de determinada nação. As páginas da história, com ênfase na alemã, denunciaram a periculosidade de algumas fórmulas levadas a cabo pela civilização. A *Bildung* somada à cultura neste propósito, apesar da ascensão formativa e cultural, na observação de Adorno (1995), não evitou o gerenciamento de uma política de Estado de barbárie que assassinou milhões de pessoas mediante cálculos matemáticos. Contradições memoráveis que descortinam a transitividade entre utopia e barbárie, entre conhecimento e controle: num momento, a construção de objetos como os vagões de Auschwitz; e, noutro, a de foguetes para a conquista do espaço.

Guerras sempre demonstraram a alta escala de seus traçados quantificáveis dispostos na chave empirista junto de seus maciços investimentos em sistemas aplicados de inteligência. Foi a partir da necessidade de segurança e de dissolver crises, de evitar catástrofes e bombardeios, que a decifração de enigmas de guerra trouxe a matemática de algoritmos da inteligência artificial, de Arthur Turing, por exemplo. Os efeitos desses módulos foram a personificação da racionalidade em apêndice de maquinários e a mistificação da afetividade em seu contrário, tangíveis somente a posteriori.

Nessa continuidade, a realidade ma-

terial determinada se endereça aos agrupamentos como militarização, controle, automação e monitoramento enquanto núcleos objetivos diretos de tecnocracia. Pontualmente, de modo singular, significa que a realização da materialidade de vida é possibilitada por engenheiros, programadores e cientistas, com os políticos sendo normatizadores e os militares, os executores da operação. Além do mais, essa importante conjunção de especialistas mira a realidade mais calculada e mensurada por meio do desenvolvimento constante das cadeias globais de antenas com sua complexa emissão e compilação de dados. Para que assim a transmissão, a descrição e a decodificação do que se faz dentro e fora da internet seja processado e interpretado na ubiquidade da inteligência artificial com a coleta e geração de informações, previsão e de liberação de ações.

Por isso mesmo que, de maneira implacável, os rumos da vida civilizada, mapeada nesse instante por buscadores, dirão impreterivelmente das exigências, muitas vezes, maiores do que as possibilidades determinativas dos indivíduos absorvidos nesse circuito digital. Mas no foco das pressuposições conceituais freudianas de mal-estar, como refletirão estas exigências? Na perspectiva de que os encaminhamentos das energias libidinais da pulsão à subtração da miséria – notadamente psicológica – ocorrerão exclusivamente no engodo de gratificações

substitutivas. Então que, na modernidade tardia, o deslocamento pulsional está hipostasiado nas redes, telas e aplicativos que desempenham essa falsa representação do sujeito, cada vez mais, entregue singularmente na esperança de reconhecimento via *clickbait*. Nesse ensejo, no confinamento das plataformas de aplicativos e paulatinamente ainda mais suprimido socialmente, a confiança nesses serviços é mais do que obrigatória, é o alento em razão dos *lockdowns*, dos temores sobre o corpo do outro entendido como patógeno, dos perigos externos.

Por esse enredo, as camuflagens simbólicas alertadas por Freud (1926/2010), são espelhadas como satisfações parciais que zombam de toda a defesa proveniente das neuroses. Em outras palavras, resultará na impossibilidade de dar corpo a essa constituição subjetiva no interior das contradições inseparáveis da concretude lógica da materialidade, nesse momento, antidemocrática nas fiandeiras de sistemas tecnocráticos e tecnocráticos. As tentativas de tamponar as ausências e as causas de mal-estar – distrações multiformes de autorreferência narcísicas – não passarão da afirmação de um princípio de desamparo inarticulado às possibilidades de entrar na cena social. As fontes nítidas de sofrimento como “a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade”

(FREUD, 1930/2010, p.29) desembrolarão toda vigilância e rol de defesas com o risco de exclusão do sujeito e de seu lugar de formulação de queixas emergentes. Essas capas de proteção anulam, por si só, como mencionado anteriormente, a possibilidade de liberdade ao dilatar a distopia da realidade quando postas em marcha de execução.

Podemos notificar isso, detendo-nos à questão da prepotência da natureza, a qual refletiu ao primitivo a condição da criança que teme o desconhecido e recorre ao pai simbólico, entidade mítica do autoritário e cruel personificado, então, como ameaçador. Esse sentimento infantilista de desproteção do mundo externo serviu, todavia, de matéria prima a um maior controle da natureza na abstração de suas formas, usos, criação, conteúdos, extração de recursos, funcionamento e antevisão de seus eventos. Um longo trajeto, esmiuçado na *Dialética do Esclarecimento* (ADORNO, HORKHEIMER, 1985), numa especular demonstração que encaminha da mitologia à metafísica e ao positivismo do rigor uniforme da ciência em sua orientação para fins, matematizável em seu espaço de mensuração, cálculo e equivalência até os confins das disruptivas *machine learning analytics* do novo mundo.

Nesse raciocínio, é permitido afirmar que, possuir a sensação de segurança é a hipoteca de um maior controle *de e sobre* nós mesmos enquanto um pacto para a dispersão de sentimentos terro-

ríficos. Afinal, em contraponto, na mitigação tensional do primitivo, foram milênios para que o pôr do sol visto com pavor e como castigo dos deuses, pudesse ser convertido na dimensão pulsional do particular, ou seja, canalizado pela pulsão escópica como apreciação estética, atualmente permutada pelo grito ótico das câmeras dos dispositivos.

Tal formalização do controle absoluto se junta novamente à interpretação crítica imanente posta por Adorno e Horkheimer (1985), na relação dialetizada entre, concomitantemente, ser o senhor por controlar a natureza e escravo da própria natureza por também sê-la. Nesse liame filosófico, a solidificação para o alvorecer de uma civilização não é sem desamparo, desproteção e perdas. Ponto relevante para destacar o ensaio de uma nova forma de governança já iniciada no modelo de inserção para uso dos recursos tecnológicos, tal qual, fazer parte significa ser catalogado dentro dos sistemas velozes de redes interligadas, o que não é possível senão pela concessão dos dados, preferências, registros e informações pessoais. Tanto quanto *Ulisses* encantado preso ao mastro, o lugar do sujeito está imóvel na captura em redes, proclamando que o progresso tecnocientífico merece dúvidas quando sinaliza controle e domínio absolutos sobre a humanidade e seus afetos.

Nessa ótica, vale a pena trazer a relação entre o fundamento das asserções

sobre o domínio da natureza e a criação dos sistemas computacionais inteligentes. O modelo dos algoritmos ratifica justamente o proponente mecânico matemático de obter esclarecimento sobre o desconhecido, logo, o domínio sobre a natureza. A mimesis seria de acordo com Adorno e Horkheimer (1985) o início civilizatório a partir dos usos da racionalidade. A tentativa de amai-nar a ameaça assustadora da natureza foi concretizada com a estruturação de instrumental via razão esclarecida. Somente assim foi possível a realização da ação de manipulação da natureza, isto é, imitando-a.

Portanto, o mimetismo é o conjunto organizado de sobrevivência e resposta sobre o funcionamento do objeto dominado. Num outro ponto de conhecimento para esse diálogo, a definição dos sistemas inteligentes dos algoritmos enquanto o modelo representativo de cópia do universo biológico significa a parte da ciência “que busca, através de técnicas inspiradas na Natureza, o desenvolvimento de sistemas inteligentes que imitam aspectos do comportamento humano, tais como: aprendizado, percepção, raciocínio, evolução e adaptação” (PACHECO, 1999, p.1). Segundo Pacheco (1999), são técnicas matemáticas com fonte de inspiração nas estruturas funcionais do organismo, no caso, o cérebro humano. Sendo assim, as redes neurais computacionais tem seu modelo de realização a partir dos neurônios biológicos assim como os al-

goritmos genéticos na evolução biológica darwiniana.

A apresentação desses alcances nos situa na seleção natural e recombinação genética do organismo mais apto por meio de algoritmos, os quais, em outro limiar, de tanto acúmulo de informações sobre o comportamento humano, poderão acessar, em breve, os processos do inconsciente. Nessa pauta, não é demais conjecturar a lógica dominante do algoritmo como a programação computacional metafórica substitutiva da instância psíquica do Supereu transferida aos servidores quânticos digitais. Se os algoritmos por meio de reconhecimento geral dos padrões identificam preferências e a partir disso disparam sugestões, seria possível, tão logo, com a extração dos dados comportamentais, identificar manifestações inconscientes, vontades e tabus, proibições e desejos, preconceitos e imperativos, e então, intervir para evitá-los ou transformá-los através da modelagem probabilística²? Assim, pensamentos, fantasias e sonhos poderiam ser criminalizados nesse futuro presente? Aliás, essas manifesta-

ções do mecanismo inconsciente ou das emoções humanas já estão armazenadas em termos teóricos e explicativos nas máquinas inteligentes.

Se o sequenciamento finito de fluxogramas irá cartografar e antever as manifestações do inconsciente, não podemos ratificar, ao menos por enquanto. No entanto, o que é acessível ponderar no detalhamento de Freud (1930/2010), é que quanto mais controle e regulação, mais o corpo tende a reagir contra a força de repressão às suas instâncias pulsionais. Pressão intensa da natureza, do social e da tecnologia encaminha de modo efetivo às assimilações de Marcuse (1999) a respeito da *mais-repressão*. Testemunhamos, não à toa, a vingança da natureza com vírus, pragas, doenças, intempéries. A vingança do organismo sobre o próprio corpo com pânico, alergias, doenças autoimunes, intolerância alimentar. Nas redes tecnossociais, a integração ideológica às narrativas polarizadas por meio da censura de ideias e vigilância de termos, expressões e palavras. Dando, acima de tudo, o tom aos

²No realce das constatações a respeito da automação e inteligência artificial, é importante insistir que profissão/carreira alguma estará imune de ser substituída pelas máquinas. É a tendência, aliás. A respeito do controle e previsão dos desejos e pensamentos do ser humano como apontado, podemos evidenciar ensaios de terapias com robôs via aplicativos. Por ora, parece um teste, um passatempo, porém, uma ferramenta inicial para ensinar o algoritmo a respeito das emoções humanas, assim, generalizar e discriminar prontamente essas informações perante novas situações. A defesa para utilização desse modelo é extensa e está demarcada para tão logo: rapidez na análise de micro expressões faciais; capacidade infinita de armazenar palavras do paciente; menor censura do paciente por estar diante de um robô; maior precisão de diagnóstico e uma melhor promoção da saúde mental, pois um maior contingente se beneficiaria com um fácil e dinâmico acesso sem sair de casa. Fundado por Alison Darcy, ex-psicóloga, agora tecnóloga, o aplicativo denominado *Woebot: Your Self-Care Expert*, foi o vencedor do prêmio Google Play, em 2019, como o aplicativo de bem-estar. Este aplicativo fora abastecido pelos conhecimentos das técnicas da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). A este respeito também é preciso enfatizar que as técnicas da Análise do Comportamento, de B.F. Skinner, estão, talvez, desde o seu nascedouro a serviço de abastecer a inteligência artificial com as famosas máquinas de ensinar e com suas caixas de condicionamento operante. Não por menos, os teóricos do Behaviorismo têm o imperativo de que psicólogos e professores aprendam programação e linguagem computacional para maior controle dos experimentos.

algoritmos de como “castrar”, gerenciar discussões e debates na internet.

Nos oferecimentos administrados pela indústria cultural, observamos a economia psíquica liberada para distrações por meio de sensações extremas de choque radical. As práticas catárticas regressivas levadas ao limite do grotesco – diversões sadomasoquistas, escarificações e rituais de suspensão, drogadições – funcionam como possibilidades inerentes de tirar férias de si. Encarnar uma nova roupagem a fim de apaziguar os traços de identificação e agressividade, tensionando-os tal como numa compulsão à repetição.

A demonstração dessa realidade paratilhada postula os destinos da economia pulsional para compensar e tornar possível a ação de racionalidade – no juízo ético e moral – por intermédio da apropriação de leis. Em outro aspecto, fornece aqui o processo de inferir como nossa consciência poderá ser determinada para desejos e metas através de comandos de uma inteligência artificial. Para percorrer esse território, é preciso costurar pontos a respeito da segunda tópica estrutural freudiana sobre o psíquico e seu funcionamento nas formas de controle.

Tal complexo de representações pontua que o princípio regulador da injunção do controle da natureza convertida em autodomínio tem sua aproximação nas bases psicanalíticas. Mostra clara dessa afirmativa está na constituição do aparelho psíquico, no seu caráter

econômico e na abdicação dos desejos. Em conformidade às asserções de Freud (1930/2010), a composição das instâncias do psiquismo – Isso, Eu, Supereu – tem sua formalização por intermédio da ação característica do Supereu sobre o Eu. O Supereu ao desdobrar-se do Eu faz a introjeção das regras sendo o depositário da consciência moral que anteriormente era externa. Sua atualização ocorre via internalização da própria renúncia pulsional, genericamente, facultada na obstrução dos processos de desejos e na divisão do Eu com o objeto.

Sublinhemos, então, que o papel do Supereu é fazer o domínio (controle) da exigência pulsional (natureza). Ao encontro dessa máxima, a designação ostensiva do dedo em riste é a expressão da repressão civilizatória – prepotência descomunal – da atividade do Supereu em relação ao Eu, metáfora intrínseca da dualidade amor/ódio. Diante da figura de autoridade, a criança dotada de seu corpo pequeno, frágil e sem dimensão das vibrações que saltitam em suas terminações experimenta esse estado de ambivalência. Isto provoca uma distensão psicológica com efeitos reativos sobre o corpo ainda não compreendido em sua totalidade orgânica, mas convocada a dominar seus impulsos primevos de ódio.

Sendo as relações a função constitutiva e primeira do ser humano, o Eu vem à luz enquanto resultante dessa socialização que somente se concretizará nas identificações de traços da indivi-

dualidade de outros. Portanto, o fazer laço é indissociável à construção da própria individualização: o alvorecer de um Eu que ainda não existe, pois está espicaçado. Esse mecanismo altamente complexo e difuso não ocorre senão via angústia que, para Freud (1930/2010), irá produzir a repressão, resultante direto e fundamental do processo de base civilizatório.

Acontece que, nesse móbile estrutural do psiquismo, a repressão é a forma do desconhecido que atenta na neurose de angústia naquilo que presentifica a vivência de medo interno enquanto preparativo para enfrentar um perigo real externo (FREUD, 1930/2010). Isso significa, em alguma medida que, os fantasmas do desejo não têm acesso livre para circular em período de civilização. As pulsões devem ser reprimidas, sendo a civilização a encarregadamestra em fazer com que parte disso volte ao indivíduo ao interiorizar a própria agressão via interdito, como detalhado nas palavras do autor:

A agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu. Lá é acolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Super-eu, e que, como “consciência”, dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa agressividade que o Eu gostaria

de satisfazer em outros indivíduos. À tensão entre o rigoroso Super-eu e o Eu a ele submetido chamamos consciência de culpa; ela se manifesta como necessidade de punição. A civilização controla então o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, como por uma guarnição numa cidade conquistada (FREUD, 2010, p.59).

As providências das instâncias psíquicas ao regular e administrar as tensões encontradas entre o nascedouro da consciência e, concomitantemente, do processo civilizatório, de acordo com Lacan (1964/2008), farão as bordas da ação desejante subordinada ao proibido, ao desejo do Outro, tal como na constituição do bebê cujo desejo interdito é articulado à figura da mãe. Ao encontro dessa posição de desejo, cabe posicionar que a estrutura pulsional não identifica a vida social ao trabalhar em instinto de destruição contra ela mesma. Contradições, dualidades e angústia de castração são circuitos neuróticos fantasmáticos enquanto parte do conjunto multifacetado dos laços libidinais das relações afetivo-amorosas.

No organograma freudiano essa constituição respondia, no filtro do seu negativo, à família nuclear burguesa nos protótipos da tragédia do mito edi-

piano, a célula base da civilização. Sem família, logo, sem neurose e dificilmente existirá a psicanálise. A culpa pelos desejos proibidos, remorso pelo assassinato simbólico são aliviados somente via castigo, em sua forma de redenção pelas raias de rituais acústicos, de extroversão sacrificial, dos mimetismos das tragédias e das oferendas. Nessa toada, Freud ao esmiuçar o nascimento civilizatório, as teias neuróticas, os traumas, as proibições e os sacrifícios, faz a inversão dos ideais dos cânones platônicos: as coisas sempre começam com a experiência da dor, e não do prazer.

Colapso econômico, tecnociência e mal-estar

Pode ser consenso ratificar que os desdobramentos da confecção textual de *O Mal-Estar na Civilização* (FREUD, 1930/2010), efetivou um marco fundamental para a radicalização do pensamento. As análises freudianas no fim dos anos 20 do século XX, refletiram a representação do interior estrutural das insuficiências e impossibilidades da vida concreta de existência em confluência com a realidade psíquica. No entanto, o fato é que, os escritos sonorizados enquanto pessimismo desembrulhava, como pedra de toque, a plasticidade vertiginosa, instável e asfixiante das relações concentradas na esfera do político, econômico e social com fortes

incidências na dimensão do campo pulsional. As transformações objetivadas no bojo das sociedades desembocavam nas passagens aceleradas da era industrial de elevada produção para a pós-industrial com agressividade maior na regra ao consumo e à acumulação de capital. Compondo, dessa maneira, um dilema entre os juízos éticos da ascese e do gozar sem precedentes. Sabe-se que o início da década de 1920 foi reconhecidamente revigorante aos EUA com o *boom* das bolsas de valores, já que no extramuro jazia um mundo tentando renascer e se reinventar, particularmente na Europa, em virtude da devastação da Primeira Guerra Mundial.

Contudo, a capitalização tresloucada das ações conjecturadas de mercado gerou a expansão da bolha de crédito que, por sua vez, implodiu o sistema financeiro estadunidense. A superprodução em ritmo freneticamente acelerado incompatível com as possibilidades objetivas de absorção da população redundou em excedentes de produtos sem destinatários. O grande colapso econômico, o *crash* de 1929, descortinava um capital financeiro sem lastro de riqueza, especulativo flexível em sua totalidade. A recuperação, a posteriori, em 1933, do cenário americano, via *New Deal*, fez impulsionar a capacidade infraestrutural com o intervencionismo e amplitude do poder estatal sobre o aporte econômico.

Mesmo assim, com o caos social e os conflitos ideológicos partidários inten-

sificados especialmente em locais afetados pela Primeira Guerra, abriram-se flancos oportunos à ascensão de regimes totalitários, particularmente, do nazifascismo. Em consequência dessa política de Estado, somada ao progresso e ao refino da racionalização instrumental materializada, aos auspícios da forte industrialização e a grande percentagem persistente de desemprego e fome, inaugurava-se a antessala para a Segunda Guerra Mundial.

Podemos enfatizar que a sucessão de tais episódios nesses interlúdios, por igualmente serem contemporâneos às descobertas psicanalíticas, emolduraram para Freud reflexões impactantes e reformulações da realização de sua prática de trabalho. Em *Além do princípio do prazer* (1920/2010), há o detalhamento de papéis importantes como a elaboração do sonho e do trauma em soldados de guerra, a dinâmica da compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*), a fratura da narrativa, e a constatação dessas experiências reprimidas e revividas no ensejo analítico, fundamentalmente, caracterizado no escopo do manejo transferencial.

Além dessas investigações estruturadas, o psicanalista se debruçou sobre a finalidade das relações humanas como, por exemplo, as questões do desamparo e da desilusão. Temas caros desafiados em *O Futuro de uma Ilusão* (1927/2014), e, sobejamente, em *O Mal Estar na Civilização*, nesse intento, finalizado em julho de 1929, poucos me-

ses antes da queda da bolsa de valores de Nova York. Nessa época abrangida, é importante lembrar, Freud ficou por dois anos sem conduzir sua pena por problemas de saúde. Não obstante isso, o fluxo de suas produções culminou, por assim dizer, em sua força motriz advinda justamente de seu estado debilitado. A experiência de finitude foi em razão do avanço do câncer na mandíbula esquerda que o acompanhava desde 1923, tendo, em 1927, piorado.

Revisitar esses acontecimentos contribui para, de fato, afirmar não só a apropriação nominal pelas ciências humanas das consequências incididas nas subjetividades. Mas, sobretudo a existência do ciclo de idas e vindas, de queda e ascensão entre as nações a partir dos lapsos resultantes dos embotamentos das crises vividas, superadas e condicionadas para a portabilidade de outras ainda maiores. Os marcos pontencializadores do mal-estar no século XX: as crises gêmeas do mercado financeiro, de 1929, seguida da crise bancária, em 1930, inclusive os hiatos e períodos entreguerras, impeliram reações diversas na economia psíquica.

Os legados tecnocráticos e seus efeitos de irracionalidade tecnicista permitiram descobertas e construções teóricas sobre as travessias do processo civilizatório e psicológico. Se pensarmos no contexto do caos financeiro do liberalismo econômico, de 1929, recordaremos que, sobressaltavam reativamente o desespero e o pavor dos conglomerados

dos empresariais, de acionistas e da população quase em seu total. Os destinos dos investimentos pulsionais da libido, neste momento histórico, radiaram na destrutividade da manutenção da vida e de suas relações: esgotamento, falências, sensação eminente do início da morte e suicídios. Em meio a esse horizonte periclitante ficaram ainda mais explícitas as raízes sacras do mercado econômico de exortações configurado como um ente metafísico, temperamental, bipolar, abstrato e imprevisível em suas deliberações de negócios, tendências e estatísticas. Tanto quanto um agente viral infeccioso com suas oscilações de altas e baixas no número de vítimas.

À vista disso, é possível identificar um empréstimo peculiar entre a linguagem da economia e da psiquiatria. Os significantes deslizados a partir do encontro entre os fluxos econômicos e suas consequências instáveis que se associaram às determinações de angústia e mal-estar, conforme descreve André (1995), revelaram uma categoria interessante a respeito da palavra “depressão”. O termo somente adentrou no seio da significação da linguagem psiquiátrica no século XX como proponente subsumido exatamente das dilacerações econômicas, nas palavras do autor:

A "depressão" só entrou na linguagem da psiquiatria por efeito de um deslizamento que se produziu a partir do campo

da economia. De fato, foi no século XX que esse termo tornou-se, principalmente, um dos significantes- mestres de um sistema econômico cuja meta é a criação e a manutenção de uma mais-valia, e cujas variações se conotam, na Bolsa, numa escala que vai da alta à baixa. Em suma, desde logo, é a própria estrutura do mercado capitalista que é ciclótica (ANDRE, 1995, p.196).

Do glossário do economês à radicalidade de novos constructos de manuais estatísticos da psiquiatria, depreendemos não só o câmbio entre seus códigos, mas a volatilidade dos estados psíquicos abertamente vulneráveis às arritmias dos *trader* de mercado de ações. Por outro lado, se a condição psicológica se apresentava instável, movediça, sem garantias, era preciso, então, estabelecer conexão de sentido entre o ato de consumir e o alívio do mal estar. Logo, a extinção do antigo formato de produção da coisa pela coisa, *ipso facto*, durável e estática, estava pavimentada. Modelo este mais dinâmico, plástico, surpreendente e imprevisível em suas denominações das produções do objeto enquanto um *Ser* para um sujeito objetificado.

Abria-se espaço assim para o que Lacan (1968-69/2008), denomina de mercado de gozo encampado como efeito de discurso em renúncia ao gozo, o

que, topologicamente estabelece a relação direta com a função *mais-de-gozar*, termo cunhado por Lacan em alusão às proposições econômicas de Karl Marx. Para Marx, assim, a *mais-valia* estará sempre atrelada ao mercado e nas formas de exploração do trabalho vendido pelo trabalhador em troca do salário. Em Lacan (1968-69/2008), o *mais-de-gozar* estará intimamente ligado à linguagem. Em linhas mais gerais, o sujeito se obriga a consumir enquanto um modo de gozo para impedir a percepção de suas ausências e lacunas impingidas pela norma social.

O próprio ato determinado ao consumo se torna uma normativa social enquanto um imperativo categórico imposto pelo Supereu. Na verdade, compra-se a falta de gozo, já que é impossível saciar a pulsão. O prisma dos pacientes neuróticos é pagar a mais para não ter; comprar para não levar. Comumente repetem em ato falho o esquecimento das contas para atrasá-las, depois paga-se com juros e correção gerando dívidas simbólicas impossíveis de serem sanadas. De outro modo, procrastina-se em rituais para fechar faltas e excede-se na velocidade da pressa gerando “multas”. Este processo de endividamento repetitivo é pertencente à mesma lógica de consumir em ato contínuo, igualmente, ao movimento sem fim de Sísifo.

Enquanto resultante singular dessa agremiação entre mercado econômico do capital e o destino pulsional, estava

em larga medida decretada a necessidade de quebrar a produção de utensílios e desenvolver desejos revestidos em satisfações parciais alocadas nos produtos, cada vez mais, exóticos esteticamente. A coisa estaria refinada com a importância do *design* para promover pelo olhar - pulsão escópica - a atração e o convite ao consumo. Sob outra perspectiva, a evolução dos produtos e do consumo frenético rubricou preconceitos, crimes, ódios, adoecimentos e inversões de valores em diferentes temáticas. Consequências de uma fórmula basal de embaralhar o que é da ordem da necessidade com o sofisma do apetecimento *ad aeternum*. Desse modo, um novo meio de subsidiar as alianças mercadológicas surgia: despertar o desejo para sustentá-lo por meio do endividamento no percurso temporal do crédito. Não por menos, a grande artimanha do mercado de gozo – mestre da retórica – foi possibilitar além da invenção à ideia de felicidade, a arte de mudar de figura: é a sua mais valiosa ação de mercado e a mais instável, imaterial.

A mercadoria felicidade, sabemos, sofre programação constante, é plástica, mutativa, torna-se obsoleta e inexistente tanto quanto as convicções políticas, religiosas e econômicas, sofrem abalos críticos persistentes. Pode ser transferida a quaisquer apetrechos, estilos, moda e temporalidade. Nesta passagem para a sociedade do descarte efetivaram-se novos modos de representação que permutaram a sociedade

da produção à de consumo. A fruição libidinal, nesse momento, é deslocada aos adereços de fetiche numa (in)satisfação sem limites chancelada na obsolescência programada. A necessidade passou a ser do mercado, agora mais sofisticado e sedutor, e o desejo, itinerante e líquido, do sujeito reificado. Sobre essa trama complexificada podemos verificar:

Sem dúvida a ciência forneceu aí novos meios que conseguiram subverter nossa realidade. O destino dos sujeitos e o estado dos laços sociais se encontram mudados: tal como o fogo que convoca “a urinação primitiva” em que se exalta o júbilo fálico, os novos produtos postos no mercado, mais utilitários do que ficções de Bentham, são novas “matérias para fazer sujeitos”, parceiros prontos - a - gozar, válidos para qualquer um, como se diz, e dos quais se remaneja o conjunto dos laços sociais (SOLER, 1998, p.260).

Nesta esteira, avanços e regressões são notórios e fazem travessias com seus fantasmas de mãos dadas. Antes de tudo, a grosso modo, isso replica considerarmos o constante movimento potencial e substancial das modificações implementadas às condições sociais de vida pela universalização das práticas e costumes dos alcances das ferramen-

tas científicas e pela autorização à barbárie. Os artefatos advindos da Primeira Guerra e os gatilhos da Segunda proporcionaram a reprodução de força tanto tecnológica quanto supraideológica nos mecanismos de medo, dominação da natureza humana e das coisas. Realidade mensurada disso é a própria internet que inicialmente foi um recurso de defesa, proteção, e segurança militar na guerra e sua evolução está presente na ampliação das redes de servidores quânticos via uma exímia engrenagem de inteligências de monitoramento e controle. Particularmente essa sistêmica se reforça com a “prisão” digital da internet das coisas (IoT) pela qual os objetos podem executar comandos e gerenciar ações.

Isso implica ratificar que, as tipificações de desencantamento histórico das produções da racionalização tecnocientífica não são poucas se atentadas sob um ângulo universal de suas particularidades e riscos engendrados desde o paleolítico à captura do código genético. Constatações disso em termos de aprimoramento instrumental não faltam: sílex, flecha, fuzil de batalha, bomba atômica, armas autônomas letais, armas biológicas, promoção do binômio sujeito-tecnologia. Temos, nessa decomposição, uma escalada de descobrimento no decurso civilizatório e de sobrevida enquanto espécie. Ao mesmo tempo, em contrapartida, apresentam-se duas circunstâncias que merecem atenção: a destrutividade do

laço social pela via antiética e o hiperinvestimento libidinal na pulsão de morte.

Neste propósito, a capacidade determinativa de organizar e transformar a totalidade das relações e da natureza nos usos da agressão, dominação e violência internalizada tem suas balizas sedimentadas no vir a ser social. Essa construção, aliás, não é novidade. Estudos antropológicos largamente dão nota disso; *Totem e Tabu* (FREUD, 1912-1914/2012), faz um extenso percurso sobre a gênese dessa estrutura narrativa civilizatória tanto quanto as escavações filosóficas da *Dialética do Esclarecimento* (Adorno, Horkheimer, 1985), e, *A ideia de história natural* (Adorno, 1932/1991), trabalhos contundentes e centralizados na reinterpretação dileitante do ocidente. Ensaio *frankfurtianos* que deslindam o *telos* histórico e social enquanto um *continuum* de dominação na civilização ao postular que, história e natureza não são independentes e nem contraditórias entre si, como destacado ao longo dessa discussão.

Inclusive acerca desse quesito, podemos sublinhar a regulação da moção pulsional e de seus destinos na colisão entre a alienação e a presentificação no aspecto do valor do tempo. Isto significa evidenciar a utilização de recursos/riquezas na construção da promessa de uma morte em vida: passado, presente, futuro e principalmente a política estão calcados na pulsão de morte. O aumento significativo do ônus glo-

bal com a indústria bélica para investimento militar, reiteramos, é impressionante. Consoante aos dados do Instituto de Pesquisa sobre a Paz Internacional de Estocolmo (SIPRI), em 2018 o valor destinado às forças armamentista foi da ordem de 1,8 trilhões de dólares. Cifras lideradas por EUA, \$ 649 bilhões, e China, \$ 250 bilhões, os dois maiores capitalizadores do setor, respectivamente.

A respeito dessa compreensão, é pertinente nos concentrar, brevemente, nas tratativas dialogadas entre Freud e Albert Einstein do *Por que a guerra* (1932/2010), quando o psicanalista procura responder as demandas do físico apontando as relações de impasse na forma de solucionar conflitos de interesse via violência imediata. Argumenta Freud que, de início a força bruta era a principal via régia de enfrentamentos. De fato, complementamos por esse ínterim que, à medida que a capacidade de integralização da abstração da subsunção no universal-particular se estruturou – concreto pensado –, então, os modos de objetivar a violência urgiram para outros efeitos. A partir do desenvolvimento do pensamento lógico em conjunto com habilidades humanas, a determinação da inteligência, criação e manipulação de leis e decretos, dirigiu as capacidades subjetivas na apresentação do mecanismo técnico instrumental, para acréscimo, utilizamos as palavras de Freud:

Logo a força muscular é reforçada ou substituída pelo uso de instrumentos; vence quem possui as melhores armas ou as emprega mais habilmente. Com a introdução de armas, a superioridade intelectual começa a tomar o lugar da pura força física; o propósito da luta permanece o mesmo: uma das partes, graças aos danos que sofre ou à paralisação de suas forças, é obrigada a abandonar sua reivindicação ou oposição. Isso é alcançado de modo mais completo se a violência elimina duradouramente o adversário, ou seja, mata-o. Há duas vantagens nisso: o inimigo não pode retomar a hostilidade e o destino que sofreu desestimula outros de seguirem seu exemplo (p.239).

No Brasil, um paralelo legítimo de produção de violência imediata pode ser verificado na campanha de palanque eleitoral em prol de armamentos. Na qual, houve o mote da promessa em ampliar o porte e posse de armas de fogo alterando o estatuto do desarmamento. Mais do que simplesmente a promessa de entregar um instrumento fálico que venha a substituir uma ausência do sujeito em sua organização genital infantil, esse fenômeno indica outra situação: a canalização de energias em fetiches ou feitiços da moder-

nidade direcionados demasiadamente à eliminação de ideias e de circulação de determinadas pessoas. No desejo sinistro de defenestração de grupos minoritários cujas particularidades sejam diferentes. A tônica promovida na essência desse modelo de política, vulgo despotismo, traz a ordem cínica cancelada no percurso do avanço tecnocrático.

Nestes termos, constatamos conceitualmente as armadilhas desses estereótipos logrados nas ações de poder. Elementos intrínsecos à constituição de governos autoritários em sua forma de regular o social e o individual com ignominiosas consequências. É relevante que elenquemos, nesse cenário, tais resultâncias. No tecido do social, a visão pseudoconcreta e simpatias por irracionaisismos. Nos efeitos condicionados ao sujeito, temos a transformação do individual como representante do geral, a substituição de conceitos e formas por clichês prontos e a subtração do pensamento dialético. Ademais, formatam essa composição, a concentração de manifestações neuróticas, tais como: receios em assumir erros, medos e frustrações, ressentimentos, antiintelectualismo e extroversão de ódio ao outro semelhante.

Nessa proximidade, a teorização de Lacan em *Agressividade em Psicanálise* (1948/1998), dirige contribuições a esse respeito. A agressividade, conforme Lacan (1948/1998) é o estatuto da estagnação formal do Eu que, sedento por

imunização para se defender demasiadamente de alteridades, executa o desconhecimento de si para reconhecer somente a si como referência. Um Eu fragilizado e absolutamente violento cuja resposta atende a critérios próprios do narcisismo. Tanto maior será a agressividade, quanto maior for a semelhança. Espetáculos de investimentos narcísicos tão em voga na cultura do cancelamento, no isolamento do outro e nos bloqueios virtuais via linguagem icônica das redes.

Assim, incidimos sobre o paradoxo estrutural da tecnociência que desliza entre controle, exclusão e conhecimento. Essa marca constitutiva e paradigmática da tecnologia e ciência fortalece uma violência progressivamente silenciada, qual seja, no mesmo momento em que se avança para civilizar/habitar outros planetas, como Marte, exclui-se da sensibilidade como que num vértice peremptório de frieza, o continente africano do nosso planeta. Tudo o que remeta a nossa origem tem que ser eliminada e dar lugar à condição de semelhança e poder da imago do mito divino protetor. Vamos criar árvores, faz surgir rios, cachoeiras e florestas. Transformar a natureza, controlá-la e eliminá-la de tudo o que possa lembrar o seu nascimento, sua origem e proximidade conosco.

Nesse sistema de programação téc-

nica junto da eficiência não se pode assumir as debilidades ou fraquezas. A ideia de reinvenção ou resiliência dado o sistema de conexão atual em relação à crise sistêmica global da pandemia, reforçam o ajuste generalizado forçado. Não por menos, nossos traços sintomáticos se intensificam nos usos que fazemos da tecnologia. Quanto maior o progresso tecnológico e científico, maior a regressão ética. O fato considerado até aqui, é que parcelas dos grandes alcanços de progresso da civilização foram incrementadas após fatídicos eventos críticos, por exemplo, a Terceira Revolução Industrial ou era da informática foi inaugurada após a Segunda Guerra Mundial. Desse modo, discutiremos adiante a aceleração da Quarta Revolução Industrial a partir dos desdobramentos da crise do coronavírus.

Ciberpandemia, conexões e vírus de mal-estar

A passagem simbólica do século XX para o XXI ocorreu de maneira capital depois de nove meses, em 11/09/2001, com a queda do maior centro financeiro do mundo, as torres gêmeas. Marcando, portanto, a morte do século XX e o nascimento do terceiro milênio. Era como se os pilares totêmicos tão sólidos que sustentavam as bases econômicas e os

³Schwab (2016), em sua obra *A quarta revolução industrial* cita o estrategista de mídia Tom Goodwin quando este argumenta a fluidez e liquidez subjacente dos ativos sem especificamente possuir uma materialidade ou um lastro, evidenciando uma descentra-

paradigmas dos últimos 50 anos tivessem colapsado e feito a transferência de seus dados à computação na nuvem³. Curiosamente, após esse acontecimento trágico, as redes sociais que existiam de forma tímida em seus ensaios, aumentaram significativamente. Começaram a se solidificar, ao passo que, novas leis antiterrorismo insurgiram sob a égide de mais segurança, proteção, o que, potencializou as camadas de vigilância, captura de informações de tudo e de todos através de servidores quânticos digitais.

No mesmo ano, popularizaram-se programas, existentes desde 1999, como os *reality shows*, *big brothers* do olho espião, em analogia ao grande irmão totalitário, do romance *orwelliano*. Isolados do mundo real, confinados tal como infectados em quarentena, sendo vigiados e rastreados 24h/7 dias da semana. Era necessário atingir um *score* social, aprovação do público consumidor, para não ser eliminado do mundo virtual. Tão atual, se refletirmos sobre a série distópica do *Black Mirror* (2011), e os créditos ou pontuações sociais em operação na China determinando controles, perda de liberdades e direitos, quase a materialização de zonas de separação: quando e quem pode comprar, vender, trabalhar, ir e vir. Tão remoto se lembrarmos de que *like* e *dislike* já eram programações do lazer prototípi-

cas das arenas do império romano para decidir quem viveria ou morreria após o espetáculo de sangue.

Essas recapitulações ficam ainda mais atualizadas quando as aproximamos de contextos críticos, que precipitaram soluções imediatas, como o provocado pela COVID-19, que gerou impactos na constituição dinâmica da estrutura subjetiva e de todo o estado objetivo funcional da sociedade. Fundamentalmente, disparou uma intensificação ou infestação nos usos da tecnologia. A transformação é radical, célere, contínua e sem volta, pois destacou até então a urgência na reestruturação dos modos de mercados para evitar a falência principalmente dos pequenos e médios empreendedores e asfixia em muitos postos de trabalho. Conforme a OIT (Organização Internacional do trabalho), as micros e pequenas empresas (MPES) representam 70% do trabalho e emprego em 99 países analisados. No Brasil, retratam 54% do emprego formal.

Nesse sentido, existe uma urgência de readequação de boa parcela dos trabalhos existentes, sobretudo na representação da América Latina, já que a tendência está pavimentada para migração ao virtual com a indicação de exponenciais investimentos em tecnologia, genética, automação e inteligência artificial. As direções ao amanhã

lização e ruptura dos modelos financeiros. “O Uber, a maior empresa de táxis do mundo, não possui sequer um veículo. O Facebook, o proprietário de mídia mais famoso do mundo, não cria nenhum conteúdo. Alibaba, o varejista mais valioso, não possui estoques. E o Airbnb, o maior provedor de hospedagem do mundo, não possui sequer um imóvel” (p.32).

apontam para um *reset* em tudo que conhecemos até então: apagão não só financeiro, mas dos modos de vida, de relacionamento e sobrevivência. Do jeito como se encadeiam tais ocorrências de crise e programação de solução, parece claro que os endereçamentos convergem para uma larga mudança de paradigmas e uma nova direção nas formas de trabalho e alimentação com exclusão ainda maior dos que não se adaptarem.

Isto significa que, haverá uma segregação ainda maior no mercado de trabalho a partir da implantação definitiva da Quarta Revolução Industrial. Tudo porque simplesmente não há tempo para todos se reinventarem em meio a um dilúvio de modificações, informações desencontradas e caos sociopolítico histórico avivado por uma desaceleração econômica crítica mundial difusa desde 2008. Remodelagem e substituição das “velhas” indústrias, germinando a passagem da energia à combustão para a energia elétrica, a *smart industry*, que dirá sobremaneira dos novos capítulos da reinicialização e repaginação social, geopolítica e exponencialmente econômico-financeira. Ora, assim como um vírus entra e devasta todo um sistema operacional com controle do aparelho, danos, apagamento de memória e dados; como solução é premente que se instale um novo sistema com atualizações constantes para que se recupere o direito de acessar o interior do novo sistema operante.

Como o mercado e inúmeras formas

de trabalho e de relacionamento poderiam funcionar à distância? Claramente, o que é vivido à distância não resulta em ação direta, inclusive, estrutura implacavelmente a acomodação dos sentidos no que é vivenciado no referido estado remoto. No diálogo virtual das videoconferências, acredita-se estar no contato direto, embora se esteja falando para uma tela, assim como em uma mensagem de texto, acredita-se na presença do outro. Esse funcionamento é uma mentira manifesta que revela o engano da realidade então transformada em simulação, uma desconcreção do real. O funcionamento social, nesse sentido, está moldado diariamente pela regulação tecnológica a partir da cópia virtual da realidade. Acima de tudo, o fato é que, a maneira como isso operou possibilitou substancialmente o alimento das máquinas para compreender como a sociedade se reorganizou nesse estado de sítio artificial gerando dados, estatísticas e informações.

No enlace dessa circunstância e diante do alcance da superinteligência onipresente dos algoritmos, é bem possível a captação da particularidade de cada cidade, Estado ou país. Por meio das técnicas de otimização, da análise comparativa e gráficos minuciosos das estatísticas sobre o perfil das indústrias, dos trabalhos e do comportamento de cada região, de cada cidadão e do seu modo de ação, interação e regularidade. Basicamente a concretização desse processo é em virtude da

conexão tecnologia-cidade, que na verdade se justapõe como o ensaio de uma *smart city*. Definitivamente houve uma extinção absoluta da fronteira entre o público e o privado. Prova disso é o próprio computador que de privado e íntimo, passou obrigatoriamente à esfera pública tanto quanto a residência de cada um no modelo *Home Office*.

Essa programação fora sistematicamente aplicada por *Google* e o *Facebook* que, há algum tempo fazem esse serviço de desconectar do modo de vida real. A partir da simulação espacial de seus lócus tentam nos convencer de que seus ambientes de trabalho são uma grande diversão, cheia de cor, repleta de aventuras e liberdades semelhantes aos pitorescos parques infantis e aos feixes luminosos radiantes das telas. Ao mesmo tempo em que, numa gramática regressiva e eufemística, busca como que num sofisma, remeter à intimidade, ao relaxamento e ao aconchego do trabalhador como se ele estivesse na própria casa.

Redes sociais não são feitas de linhas na tela; redes digitais não são feitas de *pixels* e nenhuma das duas é feita de dados. Um coletivo de redes atorede é feito de palavras e memórias, de contratos e leis, de dinheiro e transações e, cada vez mais, de cabos e protocolos. Não é surpresa que os grafos não se assemelham a eles mesmos (a propósito, você já viu

alguma representação matemática que se pareça com o objeto que ela representa?) (VENTURINI, MUNK, JACOMY, 2018, p.18).

Com ênfase nesta colocação, as redes sociais são esferas públicas virtuais, pois fabricam realidades sem que se possa ver, tocar ou rastrear, concomitantemente em que se é vigiado, monitorado e reconhecido com localização exata, câmera, microfone e sensores de movimento: para onde olha, quanto tempo olha, o que lê, pelo o que se sente desejante, tudo com os cálculos de intervalo entre um evento e outro. Assim como se pode pensar em dias próximos em roteadores para evidenciar o mapa de calor do morador, sistema usual no esporte, detectando os níveis de temperatura corporal por meio da respiração, os padrões de sono e se está com infecção. Fora isso, poderá identificar por onde anda, com quem anda, se está em casa ou não, os níveis de estresse e o porquê, os níveis de oposição, desafio e rebeldia contra leis, governos robôs e sistemas. Se for detectada irregularidade, devidamente catalogada dentro de manuais de transtornos psiquiátricos que serão forjados para isso, uma central poderia ser acionada e enviaria drones de vigilância para imediatamente deter e ou incapacitar o sujeito. Isso seria plausível num regime tecnocrático, ao contrário do que se possa supor, não se está tão longínquo dessa

representação.

Na essência dessa possibilidade, existe oficialmente a agenda da indústria 4.0, conforme podemos constatar pela *Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial* (ABDI), responsável direta pelas ações de inteligência do governo. Sendo inclusive a proponente pela instauração do primeiro centro à Quarta Revolução Industrial no Brasil. De maneira singela, de acordo com a própria (ABDI), a revolução 4.0 tem o propósito de convergir diferentes mundos, lugares, conceitos e elementos, ou seja, fundir o universo digital, biológico e físico. A ambição nesta nova ordem cultural global é instaurar absolutamente sistemas integrados diversos: internet das coisas, computação na nuvem, sistemas ciberfísicos poderosos, 3d manufatura aditiva, *synbio*, engenharia genética, biologia molecular com inteligência artificial, neurotecnologias.

Trata-se de uma transformação já iniciada primeiramente nas grandes indústrias capitais (monopólios e oligopólios), seguida pelos governos que funcionam como plataformas para familiarizar e preparar a sociedade sobre essas novas leis, integração, roteiros e punições em caso de descumprimento⁴. Quais benefícios esperar de tal incremento? Segundo Schwab (2016), teremos benefícios econômicos e avanços

nas áreas de saúde e segurança convergindo com o nascimento de um capitalismo ético com responsabilidade social que preza pela redução de co₂, de consumos naturais e de extração de recursos, conseqüentemente menos gastos com energia e grande sustentabilidade. Haverá a aceleração de desenvolvimento de resolução de problemas com alta eficácia sem a necessidade da mão humana, por exemplo, precaver ações criminosas e violentas, diagnósticos médicos e psicológicos precisos feitos por máquinas cognitivas.

Evidentemente inferimos algumas promessas de felicidade da ciência e da tecnologia: melhorias no corpo humano sendo menos propenso a doenças, mais resistente e duradouro, tendo pernas, olhos e mãos biônicas com a substituição dos órgãos vitais por nanotecnologias. A interatividade a partir de sistemas de DNA conectados à inteligência artificial que ativariam coisas como conta, a *smart home* etc. Dentro desse propósito, Schwab (2016), diz de um futuro, em nosso entendimento, que parece estar absolutamente pronto, apenas aguardando quem conseguirá chegar até ele:

Os sistemas de computador ligados ao tecido cerebral poderiam permitir que um paciente

⁴Conforme o Ministério da Justiça e Segurança pública do Governo Federal, para combater criminalidade, organizações criminosas e corrupção, serão investidos 32 milhões pelos próximos quatro anos no projeto big data e inteligência artificial que integra quatro ferramentas: Sinesp Big Data, o Sinesp Geo Inteligência, o Sinesp Tempo Real.

paralisado conseguisse controlar um braço ou uma perna robótica. A mesma tecnologia poderia ser usada para controlar um piloto ou soldado biônico. Dispositivos neurais para tratar a doença de Alzheimer podem ser implantados para apagar ou criar novas memórias. “Não é uma questão de ‘se’ os agentes não estatais usarão alguma forma de técnica ou tecnologia neurocientífica, mas ‘quando’ e ‘qual’ irão utilizar”, diz James Giordano, um neuroeticista do Centro Médico da Universidade de Georgetown, “o cérebro será o próximo campo de batalha” (p. 95).

Questionamos quais os riscos desse desenvolvimento? O desemprego estrutural em massa é ponto pacífico e inevitável, portanto, produção de mais miséria, pobreza e dependência de uma renda básica universal muito possivelmente serão elementos concretos. A quem se destinaria, então, o espetáculo desses sistemas ciberfísicos de alto investimento? Aos grupos privilegiados, o melhor que essa tecnologia poderá oferecer. À grande população linha de base, a opressão e o controle. Acrescido disso, desembrulha-se o que, por enquanto, pode ser entendido como ameaças, isto é, a incisiva aproximação dos artefatos técnicos do corpo humano. Não por acaso, o nome aplica-

tivo sugere a lógica de aplicar, inocular artificios tecnológicos futuramente no corpo, lembrando por esse preparativo que hormônios já são tecnologias de transmutação. Estaríamos próximos do nascimento de ciborgues tal como sintetiza Garis (2005), futurista que alerta sobre um mundo em que será quase indiscernível um humano de um sistema computacional inteligente. Estarão finalmente o sujeito e a tecnologia unidos sendo uma superpotência inteligente.

Garis (2005) considera provável um cenário de guerra entre os humanos genuínos, ou seja, sem qualquer aplicação ou marca tecnológica no corpo e os humanos adeptos da interface tecnologia-corpo, portadores de um organismo cibernético. Haveria então uma divisão entre terráqueos e ciborgues, com o fim da humanidade, pois os humanos seriam percebidos como vetores de doenças e riscos para o bem-estar ambiental e coletivo, logo, não teriam condições de enfrentar os ciborgues, os quais seriam a evolução do que há de melhor da inteligência artificial.

Partindo dessas reflexões, a hipótese que se avizinha é a de que estariam aparentemente todos livres, mas presos ao sistema sem possibilidades de mobilização, manifestação, resistências e de organização. Como se defender do comando de nanorobôs autônomos com acesso e poder de controle e de destruição de todo o organismo e de seu sistema nervoso? Um sistema inteligente que determinaria e obrigaria os indi-

víduos a certas ações e objetivos políticos, por exemplo? No contraponto nodal disso, se faz um paraplégico voltar a andar, seu reverso existe em todas as suas variações, pode fazer paralisar. A tecnologia no fracasso em resolver os problemas, de maneira programada cria automaticamente inúmeros outros. Quem responde por uma sistêmica de *software* chefiada por sequências de operações? A resposta nos determina para a lógica instrumental desses processadores, sendo estes um giro quase em falso que se fecha em si mesmo e que deixa a civilização descontextualizada e sem rumo, à mercê de seus condicionantes. Tal qual a metaforização de uma entidade mítica que domina a humanidade e seus passos paulatinamente com seu caráter invisível, onisciente, onipresente e onipotente, quanto mais desenvolvido, mais impessoal e dominador permanece.

Essas possibilidades de futuro e presente recortadas, *en passant*, embora não sejam arquiconhecidas, são relevantes para insistirmos que não sejam obliteradas as promessas não cumpridas ao longo da história quando observamos o avanço tecnocientífico. Haja vista, a ubiquidade e semelhança de seus traçados com ressonâncias idiossincráticas na perspectiva psicológica. Essas contradições fazem a justaposição de problemas político-econômicos e psicossociais. Tais dilemas propiciam o subsídio à reflexão sobre as desconstruções ou substituição de padrões de

comportamento. Como constatado nas narrativas orquestradas da história, as ações políticas, as inovações tecnológicas e científicas redimensionaram e remodelarão as subjetividades no sentido de viver e experienciar das sociedades. Visto que, ao que consta nessa formação considerada, a tecnologia primeiramente modela para depois restringir a criação, e por fim, substituir a ação humana. A sociedade parece estar nos prolegômenos de um verdadeiro reduto de experimento sociotecnológico a respeito da antecipação dos comportamentos humanos com significativos efeitos para uma tão já governança global robótica.

Ademais, a concentração antiutópica desse enredo, aponta diretamente à dinâmica constitutiva de uma nova forma de se estabelecer a representação das relações: o encontro flutuante e descartável dos negócios com as relações humanas. Cintilados entre a ascensão, contração, recessão e depressão cujos efeitos agregados se amalgamaram à instância psíquica no decorrer da produção das preleções da ciência, da alta tecnologia e do tempo social. Além do que, o *design* psicológico resultante dos efeitos de períodos entreguerras e pós-guerra, não por menos, de pestilências, fome e de irrupções tecnológicas, é imprescindível na captação das tendências quando se trata de observar os paradigmas das sociedades na presença de crises com largos efeitos colaterais em nível mundial. Diante de problemas caó-

ticos quais soluções são apresentadas para o “bem coletivo” que não tenham nas entrelinhas do contrato algo como: controle, sacrifícios e perda gradual de direitos?

Considerações finais

No princípio era o “faça o que nós humanos determinaremos. Encontre e resolva os problemas em tempo recorde, sirva-nos com respostas rápidas. Trabalhe e deixe-nos descansar e usufruir o tempo na contemplação criativa”. Parecia a descoberta definitiva da liberdade em civilização e o fim do medo das forças descomunais da natureza. No entanto, esse intento inaugural de a tecnologia receber ensinamentos via comandos do que ela deve e pode fazer, parece invertido na relação problemática de sua utilização, máquinas autônomas podem vir a reproduzir a função cognitiva tão bem que, similarmente, já carregam a memória dos temores arcaicos. A preocupação com esse desenvolvimento não é ingênua, traz a aporia sobre seus percursos e fins, tanto que inabilitou *as três leis da robótica*, de Asimov, embora no imo de uma ficção⁵.

Nesta assunção, é indiscutível que toda a tecnologia é construída por in-

termédio de um supercálculo em reverência ao positivismo, justamente, o que até então fornece o maior controle sobre a natureza e as espécies nela articuladas. Para abrir janelas e navegar é preciso de um pacto: entrega-se os dados e ganha-se o direito de participar de prêmios, obter informação, pesquisar, ser visto e notado, ser interligado e memorizado na rede.

Assim a inteligência artificial aprende quem são as pessoas, para que, futuras maneiras de governar, instituir e capitalizar lucros sejam gerenciadas. Digitalmente, alimenta-se a máquina desde os primeiros buscadores, os usuários/internautas sempre trabalharam gratuitamente para o aprendizado da inteligência artificial. No momento, o processo de refinamento das camadas de vigilância sobre as pessoas é preciso com arsenais de programação e linguagem computacional, como os *cookies*, capazes de monitorá-las, reconhecê-las melhor para devolvê-las a elas mesmas por meio de direcionamento fabricado de notícias e de preferências modulares.

Mas diríamos que esse abastecimento começou antes das próprias máquinas com seus buscadores existirem. Pois vejamos, toda a produção máxima de descobertas e experimentos, inclusive

⁵Em sua obra *Eu, Robô*, Asimov (1969) enumera as três leis da robótica:

1- Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal.

2-Um robô deve obedecer as ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens contrariem a Primeira Lei.

3-Um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira e a Segunda Leis.

da própria inteligência artificial, teve que ser guardada para ser transferida com segurança e proteção, de modo gradativo aos servidores, conforme obtivessem capacidades de aplicabilidade e armazenamento. Se hoje, as *machine learning*, são capazes de reunir muito do que fora produzido nos últimos séculos e se beneficiar em calcular previsões das ações humanas, o início desse alcance veio em conformidade com a evolução da forma- racionalização e da linguagem, quando então, passaram a existir os códigos linguísticos, a escrita e fonética com seus registros e catálogos mais rudimentares: pictogramas rupestres, hieróglifos, cuneiforme, escrita com ossos oraculares até os dígitos de precisão computacionais.

A representação épica da criatura dominando o criador da condição faustica, demonstra-se como a chave perdida dessa criptografia: criamos a criatura que nos devora. Quanto mais recurso e tecnologia, menos habilidades e competências; mais memória no computador, mais desmemorizados os humanos ficam, fortificando os sintomas de ausência de controle do tempo e da consciência. Com a progressão ininterrupta dos *softwares* de inteligência e programação, economia e capitais digitalizados, quais diagnósticos esperar das relações sociais ensinadas, moldadas e mediadas exclusivamente pelos programas computacionais? Em rigor, trata-se da dependência tecnológica, sinônimo de maior vulnerabilidade, principalmente

porque toda a realização encontra-se alojada na fiação desses sistemas, por isso, não se saberá como recomeçar se tudo for eliminado num apertar do botão de reinicialização.

Para muitos é o apagamento da história, memória e da vida financeira caso esteja em poupança digital. O termo técnico “armazenamento em nuvem” é revelador nesse trato, em uma “tempestade” política ou em um ciberataque não se sabe para onde essa nuvem pode parar e fazer chover os dados pessoais ou as senhas. Em especial, nuvem não tem lugar e formas fixas, transitam, somem rapidamente, se algo está lá significa que não tem dono exatamente. Uma guerra cibernética ou uma ciberpandemia com vírus (*malwares*) mais rápidos e destruidores do que os vírus biológicos pode ser o começo de uma finalidade. Espionagem, chantagem ou extorsão, um ciberataque teria mais sentido quando o objetivo pode ser simplesmente inviabilizar os usos da internet, inoperando computadores e contaminando todo o aldeamento do sistema de interconexão global. Interrompe-se qualquer planejamento de as pessoas se organizarem contra o sistema, já que as informações e comunicações ficariam cessadas.

Notadamente é tangível apontar que o irracionalismo tecnocientífico é um sintoma já posto. Acompanhado dele, temos as vésperas da situação de os algoritmos funcionarem como seres ontológicos determinando a desindividua-

ação do sujeito não sendo mais possível entrar em cena como o produtor e reproduzidor das formas de ser e estar no mundo material e subjetivo, agora, sendo substituído por uma realidade tecnocrônica. Galho, bengala, próteses, *smart card*, sensores de movimento, *neuralink*, transhumanismo, *upload* da consciência. Não se sabe as extensões e os limites do ponto final.

Dentro da mesma proximidade lógica de romances distópicos como *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley e *1984*, de George Orwell, friccio-namos o corpo como ativo econômico de mercado, item de valor e material de laboratório para testes e avanços tecnológicos. E em dias mais próximos do que se imagina, sendo propriedade de companhias que controlarão individualidades, o direito de se relacionar, de se deslocar, de interagir, de comprar filhos gerados em úteros artificiais. Grandes conglomerados que transformarão a objetividade real através de ataques às conexões sinápticas neuronais. Sendo que quem salva, aplica, soluciona e possibilita a existência de seguidores, é o próprio sistema inteligente, haveria tempo para arrependimento? Analogamente ao pecado, a mordida no fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal está bem representada em uma das logomarcas mais famosas do mundo: a *Apple*. Dispositivo móvel de adoração e êxtase tanto quanto o monólito to-têmico inscrito no filme “*2001: uma odisseia no espaço*”. Tanto a passagem

cinematográfica, de Stanley Kubrick, quanto o romance, de Arthur Clarke, desnudam como que numa programação preditiva, a nova pedra sensível e enigmática que controlaria todos os primitivos a partir dos seus toques desli-zantes. Ficaremos com esta prévia para reflexões futuras:

As luzes giratórias começaram a mesclar-se e a lançar feixes luminosos que rodavam em torno dos eixos ao atingirem o espaço. Dividindo-se em pares, os feixes de luz oscilavam ao se cruzarem, mudando lentamente os ângulos de interseção. Desenhos geométricos fantásticos e evanescentes surgiam e desapareciam enquanto as malhas luminosas trançavam-se e destrançavam-se. Os homens-macaco, prisioneiros hipnotizados do brilhante cristal, olhavam. Jamais poderiam adivinhar que seus cérebros estavam sendo estudados, seus corpos postos à prova, suas reações anotadas, seu potencial avaliado. Inicialmente, a tribo toda permanecera meio agachada, como que petrificada, formando um quadro imóvel. Em seguida, o homem-macaco, que se encontrava mais próximo à placa, voltou subitamente a si. Não mudou de posição, mas seu corpo per-

deu aquela rigidez de transe e moveu-se como uma mario-

nete controlada por fios invisíveis (CLARCKE, 1968, p. 9).

Referências

- ABDI - Associação Brasileira de Desenvolvimento Industrial. MDIC - Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. *Agenda brasileira para a indústria 4.0: o Brasil preparado para os desafios do futuro*. Disponível em [http://www.industria40.gov.br/]: acessado em [15/03/2020].
- ABDI - Associação Brasileira de Desenvolvimento Industrial. *Governo anuncia, em Davos, primeiro centro afiliado para quarta revolução industrial*. Davos, 2020. Disponível em [https://www.abdi.com.br/postagem/governo-anuncia-em-davos-primeiro-centro-afiliado-para-4a-revolucao-industria]: acessado em [10/06/2020].
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.
- ADORNO, T. W. "La Idea de historia natural". In: ADORNO, T. W. (Org.) *actualidad de la filosofia*. Tradução de José Luis Arantegui Tamoyo. Barcelona: Paidós, 1991, pp.103-134.
- _____. *Educação e Emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- Andre, S. *A impostura perversa*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- ASIMOV, I. *Eu, robô*. Tradução de Aline Storto Pereira. 1. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2014.
- ASSIS, M. de. *O Alienista*. In: *Obra Completa. Conto e Teatro*. Organizada por Afrânio Coutinho, Vol II, 4. ed. ilustrada. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1979.
- BLACK MIRROR. Produção de Charlie Brooker. Reino Unido: Netflix. 2011. Plataforma Streaming.
- CLARCKE, A. C. *2001: uma odisseia no espaço*. Tradução de Fábio Fernandes. 1. ed. Editora Aleph, 2013.
- DRAWIN, C. R. *Psicologismo: a Liberdade Travestida*. *Síntese*, v. XI, p. 77-88, 1983. Disponível em [https://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/2108/4225]: acessado em [18/07/2020].
- DUNKER, C. I. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- ELYSIUM. Produção de Neill Blomkamp. Estados Unidos: TriStar Pictures. 2013. DVD.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhte. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREUD, S. *Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos [1912-1914]*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Vol 11.
- _____. *História de uma neurose infantil ["O homem dos lobos"], além do princípio do prazer e outros textos [1917- 1920]*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos [1926-1929]*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos [1930-1936]*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GARIS, H. D. *The artelect war: cosmists vs. terrans: a bitter controversy concerning whether humanity should build godlike massively intelligent machines*. Palm Springs, CA: ETC Publications, 2005.
- HARRIS, E. *Meet The Woman Behind Woebot, The AI Therapist*. 2017. Disponível em [https://www.forbes.com/sites/elizabethharris/2017/12/31/meet-the-woman-behind-woebot-the-ai-therapist/?sh=b0078b736996]: acessado em [25/10/2020].
- HUXLEY, A. *Admirável Mundo Novo*. Tradução de Lino Vallandro. Vidal Serrano. 2. ed. São Paulo: Editora Globo, 2003.
- LACAN, J. *Agressividade em psicanálise*. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. *Seminário: de um outro a outro*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- _____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- _____. *O Seminário, livro 16: de Um Outro ao outro*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução Álvaro Cabral. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- MJSP - Ministério da Justiça e Segurança Pública. *Ministério entrega aos estados primeiras ferramentas de Big Data e Inteligência Artificial para combater a criminalidade*. 2019. Disponível em: [https://www.justica.gov.br/news/collective-nitf-content-1566331890.72]: acessado em [15/07/2020].
- OIT - Organização internacional do trabalho. *A COVID-19, o mundo do trabalho e a importância das micro e pequenas empresas: O caso do Brasil*. 2020. Disponível em [https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS749348]: acessado em [05/08/2020].

- ORWELL, G. 1984. Tradução de Alexandre Hubner. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- PACHECO, M. A. C. *Algoritmos Genéticos: Princípios e Aplicações*. In: INTERCON99: V Congresso Internacional de Ingeniería Electrónica, Lima, Peru. pp. 11-16, 1999.
- SCHWAB, K. *A quarta revolução industrial*. Tradução de Daniel Moreira. São Paulo: 1. ed. Edipro, 2016.
- SIPRI – Stockholm International Peace Research Institute. *World military expenditure grows to \$1.8 trillion in 2018*. 2019. Disponível em [<https://www.sipri.org/media/press-release/2019/world-military-expenditure-grows-18-trillion-2018>]; acessado em [10/07/2020].
- SOLER, C. *A psicanálise na civilização*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998.
- TÜRCKE, C. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Tradução de Antonio A. S. Zuin. Campinas: Unicamp, 2010.
- VENTURINI, T.; MUNK, A.; JACOMY, M. "Ator-rede versus Análise de Redes versus Redes Digitais: falamos das mesmas redes?" *Galáxia (São Paulo)*. Vol.s/v. n. 38, mai-ago, 2018, pp. 5-27. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextpid=S1982-25532018000200005]; acessado em [02/09/2020].
- WEF - World Economic Forum. *Leaders rally for a 'Great Reset' to achieve global goals*. 2020. Disponível em [<https://www.weforum.org/press/2020/09/leaders-rally-for-a-great-reset-to-achieve-global-goals>]; acessado em [25/09/2020].

Recebido: 30/09/2020

Aprovado: 13/01/2021

Publicado: 31/01/2021